

**Carlos Gildemar Pontes**

**Amanda Torres Trajano**

DOI: <https://doi.org/10.56814/6np6ce39>

## **UMA LEITURA DECOLONIAL DE EU NÃO QUIS DE FERIR: ROMANCE DE RINALDO DE FERNANDES<sup>1</sup>**

**RESUMO:** *Eu não quis te ferir* retrata a história de Rosa, que desde os treze anos trabalha como doméstica em regime próximo ao servil, e de seus dois filhos. Tratando-se de uma história comum, do cotidiano de pessoas pobres, lançamos um olhar decolonial para analisar o papel que cada personagem representa no enredo. Nesta perspectiva crítico-analítica, este trabalho lança uma leitura social do romance de Rinaldo de Fernandes, acentuando a construção das personagens como protagonistas de um processo de exclusão social (e conseqüentemente política) destes desvalidos que transitam entre a marginalidade social e a loucura, em grande parte forjada pelas condições em que vivem. As maracas da violência estão presentes e são apresentadas de forma a traçar quadros fortes de violência física e psicológica, causados pelas injustiças sociais.

**Carlos Gildemar  
Pontes**

Escritor. Doutor em Letras. Professor de Literatura da UFCG, Coordenador do Círculo de Pesquisa em Literatura, Estudos Decoloniais, Identidade e Mestiçagem – CPLEDIM, ligado à UAL/CFP/UFCG e ao CNPQ.

**Amanda Torres  
Trajano**

Graduada em Letras UFPB, Mestranda em Letras UFPB

<sup>1</sup> Rinaldo de Fernandes é um escritor maranhense radicado na Paraíba. Professor titular da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Doutor em Teoria e História Literária pela UNICAMP, é autor de dezoito livros, entre eles os romances *Rita no pomar* (2008), finalista do Prêmio São Paulo de Literatura, *Romeu na estrada* (2014) e *Eu não quis te ferir* (2022). Também contista, Rinaldo utilizou “Beleza”, primeiro lugar no Prêmio Nacional de Contos do Paraná (2006), como ponto de partida para o desenvolvimento da trama de *Eu não quis te ferir*, que aqui será analisado.

## INTRODUÇÃO

A arte de narrar sobre as vidas doídas é, antes de tudo, um exercício de empatia, de solidariedade aos desafortunados. Em qualquer circunstância, é a representação de personagens que existem nas camadas sociais mais diversas, como espécies de pobres diabos<sup>2</sup>. Como personagens fadadas ao fracasso existencial, moral, econômico ou físico, o pobre diabo povoa a vida social e permeia todas as classes sociais, não distinguindo sexo, religião, opção política ou sexual.

É de bom alvitre mencionar Walter Benjamin, nos brilhantes textos “O narrador” e “Experiência e pobreza”, como suporte de leitura da ‘ficção rinaldiana’. E seria fácil, embora enfadonho, enumerar teorias, macaquear a voz do outro analista para me poupar da descoberta. Daí, nós nos cercaríamos de teoria e método para citar mais o filósofo do que o escritor. Neste caso, propomos uma leitura de *Eu não quis te ferir*, mais novo romance do Rinaldo de Fernandes, observando como surgem e são representadas essas vidas magoadas.

*Eu não quis te ferir* retrata a história de Rosa, que desde os treze anos trabalha como doméstica em regime próximo ao servil, e de seus dois filhos: Ismael, um estudioso da Bíblia que quer ser pastor, e Jonas, aluno aplicado e com uma provável futura carreira de escritor. Rosa, Ismael e Jonas vivenciam quadros fortes de violência física e psicológica, causados pelas injustiças sociais.

O romance assim se divide: “Primeira Parte – Ismael”, com foco narrativo em primeira pessoa; “Segunda Parte – Rosa e Jonas”, em que se destaca o entrecruzamento de vários gêneros (carta, textos que mimetizam gravações de áudios, roteiros teatrais, textos de blogs, minicontos, anotações de caderno, redação escolar, entre outros), contribuindo para o caráter polimórfico da obra e confirmando a representação fragmentada de aspectos psicológicos dos personagens; e a “Terceira Parte – O jambeiro”, que tem como foco narrativo a terceira pessoa. Nesta última parte, condensam-se o desvelamento de vários mistérios. O narrador anônimo revela para o leitor fatos que ressignificam toda a trama até então.

Ao lançarmos um olhar de quem escreve e se encanta com a arte alheia, os personagens ressignificam as imagens que violentam a calma, apaziguam os juízos em curto ou liberam os demônios que habitam cada um. Quando lemos um escritor de talento, vemos com maior rigor as técnicas de fala, o fluxo de consciência, os interstícios da frase desconcertante. Rinaldo já nos brindou com outros romances e contos de uma lavra superior, herdeiro que é dos grandes contistas brasileiros, em especial Moreira Campos, nosso maior guru literário.

---

<sup>2</sup> A respeito do pobre diabo, ver ensaio de José Paulo Paes “O pobre diabo no romance brasileiro” e *Seres ordinários*: O anão e outros pobres diabos na literatura. Fortaleza: Acauã, 2014, de Carlos Gildemar Pontes.

*Eu não quis te ferir* encerra uma trilogia temática sobre o que denomino de “Vidas magoadas”. E fica claro a recorrência a outras narrativas romanescas e da história curta (suas) de que se vale o autor para compor esses pobres diabos. Com uma forte pitada de violência e de manias, seus personagens crescem como anti-heróis e atingem o limiar da *pobredia* ao encontrarem seus destinos malogrados e irreconciliáveis com a realidade considerada normal. Ismael, personagem central da narrativa deste romance, avoluma sua miséria material e moral, na medida em que é conduzido pelo destino. A princípio, tido como filho adotado de mãe solteira tem um irmão mais novo e uma ausência de raízes que possam lhe invocar um espaço seu. Lar, pais, regras sociais aprendidas na escola não lhe moldaram o caráter. Só no final do romance, quando as dores de Dona Rosa, sua mãe, finalmente se libertam ao receber o filho de volta da prisão, é revelado que ele é filho do seu Ravi, dono da casa em que Rosa trabalha como doméstica, num caso tão comum de violência perpetuado por uma elite acostumada a ter a posse dos bens e das pessoas. Sim, Ismael era filho de Rosa e seu Ravi.

Quando frentista, Ismael pode conhecer os jovens, como ele, que possuíam bens e usufruíam de uma vida distante da sua. Ao ser demitido por ter o nome sujo na praça, rouba uma égua e se põe a andar como num rio imaginário, onde as margens lhe comprimem ao lugar onde ele não vislumbra a possibilidade de se ressocializar. Pobre Ismael, diabo de pobre que se mete a viver sem propósito. Ao longo da sua vida, o personagem vai incorporando delírios resultantes da fome e da exclusão social. Em seus delírios Ismael se “fabianiza” ao dialogar com a égua que lhe acusa de crime, um crime, aliás, cometido pelo seu estado de delírio.

No subcapítulo 9, da primeira parte, Ismael começa a ouvir a voz da égua Beleza lhe advertindo sobre o seu crime.

Você é uma idiota!, você é uma grande idiota, Beleza!... por que esse azedume comigo, hein?..., porque você deu para falar?, fala, me acusa, me julga, me espinafra!, você quer ficar livre de mim, Beleza, e ficar livre de mim é eu ser pego, é ser encerrado numa cela deplorável, você vai sair por aí, vai encontrar a direção do sítio de onde eu te tirei, você gosta daquele lugar, talvez, quando reaparecer por lá, até se esfregue satisfeita numa daquela palmeiras, chegue à roseiras, lamba as rosas, você irá para os braços do seu dono, que, todo estufado por seu retorno, lhe afagará as crinas, e a ele você balbuciará (e o seu balbucio ele decifra muito bem) que viu um indivíduo chamado Ismael matando um homem, enforcando-o com fúria, estou correndo um sério risco de te deixar solta, porque sei que você se desfarrará dos meus espancamentos, me dedurando, balbuciando inverdades, você é uma impostora, é uma delatora perigosa, Beleza! (p. 29)

Ismael conversa sozinho, depois insere a égua na conversa e passa a lhe dar ouvido e a contra argumentar, impondo ao diálogo imaginário uma suposta traição da égua (que irá delatar o seu crime). Essa fabianização de Ismael parece ser um pequeno oásis no meio da indiferença dos outros personagens. Tanto Fabiano como Ismael se aproximam da sua condição animal. Eu sou bicho, como diria o primeiro; “Está decidido, Beleza, não ouvirei mais teus balbucios descabidos, não vou te buscar, Apodreça no estacionamento, nunca mais quero te ver!”, como realça o segundo. O fluxo de consciência que leva Ismael a questionar a decisão de Beleza, difere de Fabiano porque este, ainda tem dois filhos, uma esposa e uma cachorra e um papagaio que vão se mofinando antes da morte. Fabiano matou a Baleia porque teve piedade de vê-la famélica morrer de fome (Baleia parecia ser mais esperta do que ele). Ismael prometeu abandonar Beleza, para evitar que a égua lhe traísse. Comportamentos assim diatópicos fazem parte de uma anomalia típica de quem passa fome. Em dado momento da narrativa, Fabiano e Ismael se aproximam em convergências delirantes e quase metafísicas, quando Ismael, acuado pela fome duvida se é capaz de ter coragem de falar com o homem que passa com um garoto, na calçada onde se encontra prostrado. “Eu tinha vergonha de mim. Eu tinha vergonha ali, recostado no muro. Me veio a vontade de chorar, porque sequer coragem de pedir eu tinha. (...) Eu sou covarde e pronto!”. Esse questionamento sobre si, a dúvida sobre o que fazer para matar a fome, as formas de embarreirar as palavras e ter medo de pedir fazem de Ismael um covarde, embora, quando mate o quase médico que lhe negou atenção o fez por ódio, por desfeita de um “filhinho de papai” que não sabe o que é ter fome. O delírio é o guia para onde é conduzida sua ética de faminto.

O tempo da narrativa não obedece à ordem cronológica, ficando a cargo do leitor, por meio de uma trama com ênfase no fluxo de consciência dos narradores, organizar a sequência das cenas que compõem o enredo. Além disso, o leitor, ao ser jogado entre vários trechos de narrativas e vários gêneros, precisa lançar mão de um maior esforço cognitivo para recuperar os sentidos e os significados implícitos em indícios que podem auxiliar na previsão de acontecimentos futuros.

O livro apresenta como personagens principais Rosa, Ismael e Jonas. Entretanto, observa-se que os eventos narrados nas três partes do livro circulam sobretudo em torno de Ismael. Além desses personagens, aparecem no enredo em vários momentos: Úrsula, esposa de Ravi, mãe de Rodolfo e patroa de Rosa – ciumenta em relação ao marido, ela tenta regular o comportamento e as vestimentas de Rosa; e Ravi, marido de Úrsula e pai de Rodolfo. Patrão de Rosa, ele manteve relações sexuais com a empregada doméstica e, dessa relação, nasceu Ismael.

Ismael “de Jesus”, filho bastardo de Ravi, teve que lidar com a fome, escassez de recursos financeiros, preconceitos e injustiças sociais. É interessante perceber que o primeiro filho de Ravi recebe o nome de “Ismael”, nome do filho de Abraão com uma de suas escravas, Agar, de acordo com a narrativa bíblica, no Antigo Testamento.

Bem observado pela posfaciadora do livro, ensaísta e professora Sônia Lúcia Ramalho de Farias, o método a que Rinaldo de Fernandes recorre para tecer a narrativa de *Eu não quis te ferir* é o de explorar um dos elementos mais ricos e importantes dos seus textos, a intratextualidade. Uma espécie de reescritura constante, que recupera pontos não explorados em textos anteriores ou na fixação de uma visão nova sobre aspectos não ditos. Este universo de personagens e situações de conflito psicológico permanente dá mais vigor ao romance e, extensivamente, a toda a obra do autor, pois consolida um método seguro de, em cada livro, em cada romance ou conto retomado, descortina-se o mundo real, calcificado pela violência e pela ruína, como se não houvesse mais tempo de remissão do humano que ainda resiste em nós.

Verificamos que Ismael “revela-se um sujeito violento, responsável pelo assassinato de um estudante de Medicina que primeiro o ignorava e depois o destrata, no momento em que ele faminto se dirige ao outro, mendigando por ajuda”. A agressividade descrita pela autora pode ser inferida por meio de trechos como:

Eu me curvando todo para dentro do carro, quando percebeu, eu já passava a corda no pescoço dele, e apertava, apertava tanto, que meus dedos estalavam, troc, troc, os olhos fuzilavam, mas ele não teve tempo de reagir, já roxo, já de língua pra fora, eu ainda apertando, a baba escapando, filho da puuuta!, eu arrochando tanto, troc, troc, que ele desfaleceu de vez. (FERNANDES, 2022, p. 37).

A mãe de Ismael, Rosa, é uma empregada doméstica que sofre com o preconceito racial e de classe. A personagem é estigmatizada pela sua aparência, sendo chamada de feia pelos colegas de classe de seu filho Jonas e pelo trabalho que ela desenvolve. Rosa sofre com o sentimento de desconfiança da patroa e sente uma enorme necessidade de se autovigiar, justificando suas atitudes e reforçando sempre ser uma pessoa idônea.

Além de Ismael e Rosa, Jonas é também um personagem com características psicológicas complexas. Apesar de ser o melhor aluno da turma, ele sofre preconceito racial, de classe e *bullying* dos colegas de escola. É um leitor dedicado e interessado em notícias e blogs, com isso adquirindo uma boa qualidade na escrita. Além disso, até mesmo Rosa, sua mãe, trata-o de maneira rigorosa, regulando seu comportamento. De acordo com Sônia L.

Ramalho, “Jonas é igual a Ismael, uma figura aparentemente calma, ensimesmado na escrita de apontamentos escolares e no convívio em aparência pacato com a mãe”.

## UM RESUMO DAS VIDAS MAGOADAS

*Eu não quis te ferir* conta a história de Rosa e seus dois filhos: Ismael e Jonas. A narrativa apresenta uma família marcada pelo sofrimento diante das pressões sociais, da discriminação, abusos e muitas formas de violência decorrentes de sua condição social, econômica e racial. Rosa é uma empregada doméstica que começou a trabalhar aos 13 anos de idade, “em regime próximo ao servil” (como diz Rosângela Melo Rodrigues no texto de orelha), na casa de Úrsula e Ravi. A família dos patrões pertence à classe média.

Rosa, ainda muito nova, foi assediada por Ravi e engravidou do patrão. Ao saber do evento, ele ficou nervoso e por muito pouco não agrediu fisicamente a empregada, mas decide entrar em acordo com a menina. O silêncio de Rosa é então comprado por Ravi, que lhe dá de presente uma casa. Rosa, sem coragem de abortar, opta por ter o filho. A empregada sai de férias até que passe o período gestacional, retornando à casa dos patrões meses depois. Por incentivo de Ravi, sua patroa resolve aceitar Rosa de volta ao emprego. E aí o narrador informa: “Úrsula sequer desconfiava, mas Ismael era filho de Ravi, fruto dos encontros furtivos do marido com Rosa no quartinho” (p. 108).

Rosa passa a dizer que Ismael, seu filho com Ravi, foi adotado por ela. Relata que deixaram a criança em sua porta. Além de Ismael, 4 anos depois, Rosa dá à luz outro filho, Jonas. Ismael cresce com visitas ocasionais à casa dos patrões de sua mãe e acaba tendo que lidar com as diferenças determinadas por sua situação, filho da empregada doméstica.

O tratamento dado ao filho de Úrsula, Rodolfo, e a Ismael era muito discrepante. Em um dos capítulos da primeira parte do romance, Ismael relata: “[...] um outro olhar de repente me confronta, o de dona Úrsula me privando do lanche, seu guloso!, retendo as bananas e amassando três delas no prato do filho, me impedindo o pote de geleia, olhar que inspeciona [...]” (p. 25). Assim, percebe-se que, enquanto o filho de Úrsula se alimentava bem, com frutas e geleia, Ismael tinha que aprender a lidar com a fome.

Constantemente, Úrsula o chamava de “guloso”. Dizia que Ismael “[...] era guloso, que [...] devia crescer para arrumar um emprego e sair de perto deles, que [...] Ravi não [o] suportava mais [...]” (p. 18). Mesmo não tomando conhecimento da verdade, Úrsula entendia Ismael como um estorvo, um incômodo, e fazia sempre questão de deixar claro para o menino que ele não era mais desejado naquele ambiente. Entretanto, a mulher fazia com que o menino acreditasse que estes eram os sentimentos do seu marido.

Com o tempo, Ismael cresce e acaba sendo preso por um suposto roubo. A mãe, Rosa, sente-se muito envergonhada com o ocorrido. Para ela, as pessoas trabalhadoras deveriam “correr atrás de seus objetivos”, sem almejar os bens dos outros. É importante, para Rosa, manter-se o máximo de tempo em autovigilância, sendo fiel aos princípios éticos e morais considerados como válidos socialmente.

O papel da empregada na casa é o de uma pessoa que se coloca em constante observação e avaliação de suas próprias ações e pensamentos, como se estivesse constantemente sob vigilância, levando-a a desenvolver ansiedade e estresse para se conformar a padrões e expectativas sociais. Em um dos trechos, enquanto a empregada está em seu quartinho, na presença do gato da patroa, um relato deixa muito clara a situação:

talvez observando o quintal, se dona Úrsula vinha na ponta dos pés, ela procurava adivinhar o que eu fazia? me olhava pelos orifícios da janela? antigamente desconfio que sim, o bichano, parado ali na porta, talvez estivesse mesmo observando dona Úrsula se aproximar da janela do quartinho, fazer de conta que corrigia o ramo de uma roseira, mas na verdade tentava apurar o que eu fazia ou deixava de fazer. (p. 63).

Na prisão, Ismael conheceu um pastor que lhe ensinou muitos preceitos bíblicos e os “macetes” para tornar-se também um pastor. Assim, o filho de Rosa passa a estudar o livro sagrado. Entretanto Rosa, preocupada com as más influências que o filho poderia sofrer, pediu ajuda a Ravi. A empregada desejava que o patrão conseguisse um advogado para retirar seu filho da cadeia. Ela temia pela situação em que o filho se encontrava.

Depois de se deparar com muitos pedidos de Rosa, Ravi resolveu pagar um advogado para tirar Ismael da cadeia. Ao sair da cadeia, Ismael portava “uma Bíblia, o sorriso fácil, apaziguador”. Tocado talvez pela situação do filho e observando algumas mudanças em seu comportamento, Ravi convidou Ismael para fazer algumas tarefas em sua casa. Entretanto, Úrsula mostrou um profundo desagrado pela presença do rapaz em sua casa, destratando-o a cada oportunidade que tinha. A esposa de Ravi não se conformava em ter na sua casa um ex-presidiário.

A história de Ismael é marcada por rejeições. Assim, o personagem desenvolve um caráter complexo, cheio das contradições humanas. Ao mesmo tempo que o leitor se sensibiliza com os relatos de injustiças sofridas por ele, também se assusta com as narrativas de violência que ele comete. Quanto à violência, após cometer um assassinato, Ismael resolve se esconder da polícia.

Assim, ele sai da casa da mãe, prometendo não retornar, e, com a Bíblia embaixo do braço, passa uma boa impressão por onde anda. Para conseguir alugar um local para morar, Ismael falsifica a assinatura de um fiador e passa a residir em um bairro distante. Sua situação se agrava quando, depois de perder o emprego de frentista, ele é expulso do local em que estava vivendo por não conseguir pagar mais o aluguel, chegando a fazer uma breve estadia na casa de um amigo do posto. A breve estadia na casa desse amigo é também marcada pela rejeição, como podemos perceber neste trecho da pág. 9: “Pode ir, Ismael, aqui não tem lugar para você ficar, não”.

Na rua, sem emprego, sem dinheiro e sem ter para onde ir, Ismael resolve roubar uma égua e “morar” em cima do animal. Cavalgando pela cidade, ele se depara com maus-tratos e olhares que o marginalizam. Uma das cenas que mais retratam os processos de desumanização impostos a ele é a que mostra Ismael e sua égua, passando na frente de uma escola, sendo agredidos por crianças. Uma das falas retrata bem a forma violenta com que o personagem é tratado: “Os outros garotos agora riam do portão, as cabeças loiras de dois aparecendo no alto do muro. E começaram a gritar: bate, Romero!... Vai, bate!... Bate!...” (p. 21). Apesar de muitos carros estarem passando na rua naquele instante, ninguém se importava com o rapaz, demonstrando que a sociedade elege quais corpos a sensibiliza e quais “podem” ser invisibilizados.

Na rua, ele encontra um antigo cliente, um quase médico, e tenta pedir ajuda financeira para comprar comida. O quase médico destrata Ismael com palavras violentas e, movido pelo ódio, Ismael retira a corda, com a qual conduz a égua, e enforca o homem.

Jonas, o segundo filho de Rosa, vive com a mãe na casa que ela ganhou de Ravi. O menino, apesar de ser um excelente aluno, bom escritor e dedicado às atividades escolares, sofre *bullying* por sua aparência, condição social e, até mesmo, pela aparência da mãe. Os amigos de Jonas insinuavam que a sua mãe era “feia” e, assim, ele passa a sentir vergonha da própria mãe.

Jonas é agredido física e psicologicamente por Augusto – filho de Alice, amiga de Úrsula – e outros meninos. Assim, Jonas passa a sentir desejo de vingança e, como o irmão Ismael, age movido pelo ódio, assassinando cruelmente Augusto.

Rosa reconhece, por meio de uma notícia de telejornal, a corda que foi usada por Jonas para enforcar o menino Augusto em um parque, e resolve tirar satisfações com o seu filho. Jonas, aflito e com medo de a mãe o denunciar, resolve tirar a vida de sua genitora.

No momento em que Jonas está desferindo uma facada em sua mãe, Ismael vai chegando da casa de uma namorada recente e presencia toda a cena. Movido por instinto, Ismael enfia o rosto de Jonas contra o chão, tão fortemente, que acaba afogando o irmão na

poça de sangue da mãe. Ao ver os corpos de sua mãe e de seu irmão mortos, Ismael se apavora e decide os enterrar no quintal, ao pé de um jambeiro, antes de escapar.

A família de Rosa desde sempre era perseguida – um destino como que socialmente (pré)determinado. O romance mostra que os corpos de uma família preta e pobre não comovem, não têm sequer seus direitos garantidos. Mostra também que, não distante da realidade vivida durante os séculos de escravidão, muitas famílias são submetidas às novas velhas formas de violência. A existência delas acaba sendo marcada pelo amputamento de sua humanidade.

*Eu não quis te ferir* retrata muito bem as nuances do racismo estrutural brasileiro, atrelado ao nosso cotidiano. O leitor mais cuidadoso percebe que a obra de Rinaldo de Fernandes escancara o funcionamento de sistemas que servem para reproduzir as condições de desigualdades que colocam pessoas negras na base da pirâmide social.

## PROTÓTIPO SOCIAL DE UMA ANTIGA ESTRUTURA FAMILIAR: HERANÇAS COLONIAIS

A dinâmica das relações estabelecidas entre as casas grandes e as senzalas foi uma das características mais marcantes do período colonial brasileiro. Na época, as famílias dos senhores de engenho eram responsáveis pelo controle e exploração dos trabalhadores escravizados nas plantações, enquanto as famílias dos escravizados eram frequentemente fragmentadas e desestruturadas pela violência e separação forçada. Essa divisão racial na estrutura familiar se refletiu em muitas questões sociais e econômicas, persistindo por muitos anos após a abolição da escravatura.

Infelizmente, a lógica que rege as relações patrões e empregadas domésticas ainda bebem muito da perversa ideologia escravocrata. Por isso, a leitura do romance *Eu não quis te ferir* desperta no leitor uma forte ligação com experiências vistas e/ou vivenciadas. Caracterizado pelo estilo literário realista, o texto deixa muito clara a condição a que mulheres, em sua maioria, são submetidas ao terem que trabalhar em “casas de família”.

O cenário insalubre do quarto de Rosa e a sua rotina de trabalho denunciam a existência de uma “nova” senzala contemporânea no interior das casas da classe média. A dependência do quatinho de empregada tem condições que reafirmam a alienação e desumanização sofridas por esses corpos. O local que uma empregada doméstica pode transitar se resume à cozinha e um quatinho com vista para a área de serviço.

A história escrita por Rinaldo de Fernandes pode ser lida em relação de intertextualidade temática com o filme *Que horas ela volta?*, em que Regina Casé interpreta Val,

uma empregada doméstica que trabalha na casa de uma família rica em São Paulo. A condição de trabalho da protagonista mostra a situação de desigualdade em relação à de seus empregadores.

Val, assim como Rosa, trabalha longas horas cuidando da casa, cozinhando e cuidando do filho de seus patrões. Ela é muito dedicada ao seu trabalho, mas muitas vezes é tratada com desrespeito e indiferença pela família que ela serve.

Além disso, Val é obrigada a dormir em um quarto pequeno e desconfortável nos fundos da casa, separada da sua filha que mora em outro estado. Ela também não tem direito a muitos momentos de lazer ou descanso, pois é sempre requisitada pelos seus patrões para estar disponível para qualquer necessidade.

O quartinho de empregada é um espaço com condições semelhantes aos das personagens Val e Rosa. Um dos trechos do romance, retirado da “Segunda parte – Rosa e Jonas”, apresenta as péssimas condições a que é submetida a empregada:

Depois de lavar e ordenar a louça do almoço, eu descanso no colchão do quartinho, consigo até cochilar. [...] E se o cheiro do meu colchão contaminasse o pelo do bicho? Eu venho às vezes suada e me reclino no colchão para desfadigar, criando coragem para um banho. Meu suor respinga na espuma, ensopa parte do lençol. (p. 55).

Refletindo os escritos de Sueli Carneiro, em seu livro *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*, pode-se constatar que a persistência desse espaço nas casas de famílias da classe média serve como uma espécie de confirmação da desigualdade entre as pessoas, estabelecida por meio de uma leitura racial dos corpos.

A existência do quarto de empregada nas casas da elite brasileira é uma herança da escravidão, que perpetua as relações de poder e de exploração no trabalho doméstico. É uma forma de segregação que evidencia a desigualdade social e a hierarquia de raça que ainda marcam a nossa sociedade. Além disso, pode-se acrescentar que

Embora as trabalhadoras domésticas estejam presentes na maioria dos domicílios brasileiros, chegando-se à presença de três trabalhadoras para cada grupo de 100 pessoas, e suas demandas sejam conhecidas, não há indícios de empatia ou reciprocidade com as condições de trabalho para a categoria, que é invisibilizada e inferiorizada historicamente. (SILVA, B. G. S.; ARAUJO, M. A. D. de; SPOSATO, K. B. 2021).

Realizando uma leitura dessas obras, o romance e o filme, por meio de uma perspectiva decolonial, pode-se refletir sobre estas relações entre as empregadas domésticas

e as famílias contratantes como sendo atividades marcadas, além da desigualdade, por desrespeito. Essa relação, herança da escravidão, expressa-se pelo silenciamento, abuso sexual e psicológico e desumanização.

Dentro dessa perspectiva teórico-crítica, alguns autores reforçam a necessidade de rompimento com os modelos atuais dessa relação. É o caso do autor decolonial Anibal Quijano. Em sua obra *Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina*, o estudioso discorre sobre a colonialidade como sendo um modelo de poder construído sobre duas bases: a ideia de superioridade do banco europeu e uma nova organização de trabalho. Esses modelos impostos pela colonização permanecem na mentalidade da sociedade até hoje. Assim, segundo o autor,

Dois processos históricos convergiram e se associaram na produção do referido espaço/tempo e estabeleceram-se como os dois eixos fundamentais do novo padrão de poder. Por um lado, a codificação das diferenças entre conquistador e conquistados na ideia de raça, ou seja, uma supostamente distinta estrutura biológica que situava a uns em situação natural de inferioridade em relação a outros. (QUIJANO, 2005, p. 117).

Com isso, conclui-se que a leitura de *Eu não quis te ferir* tem o poder de nos transportar para uma perspectiva crítica do nosso próprio mundo, refletindo os comportamentos dos personagens de acordo com o contexto sócio-histórico de nossa sociedade. Somado a isso, a escrita realista de Rinaldo de Fernandes deixa expostas características intrinsecamente humanas, tais como: contradições, traumas, perversidade, violência, hipocrisia. Essa forma de escrita faz com o leitor, ao tentar julgar o comportamento dos personagens, realize questionamentos acerca de seus próprios posicionamentos nas mais diversas interações em diferentes âmbitos. O leitor é forçado a mover-se em direção a um pensamento desautomatizado da realidade, ampliando seus horizontes de análise.

A obra em questão traz à tona a dura realidade da exploração e violência sofridas por empregadas domésticas, destacando as desigualdades de classe e raça presentes em nossa sociedade. Para buscarmos mudanças efetivas em nossa realidade, é importante nos sensibilizarmos através da leitura desse tipo de literatura impactante.

Rinaldo de Fernandes trabalha os detalhes mais mesquinhos da alma e denuncia um sistema corroído pela falência moral. Restam-nos, seus leitores, catar as migalhas da vida dos personagens e refazermos o percurso deles na vida real, muito mais cruel do que na ficção. Quem sabe o efeito catártico nos leve a repensar outros caminhos, quem sabe!

## REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. 4ª ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Sueli Carneiro - Geledés, 2018.
- FERNANDES, Rinaldo de. *Eu não quis te ferir*. Rio de Janeiro: Garamond, 2022.
- PONTES, Carlos Gildemar. *Crítica da razão mestiça: Hibridismo e desordem na formação da identidade brasileira*. Fortaleza: Acauã, 2021.
- \_\_\_\_\_. *Seres ordinários: O anão e outros pobres diabos na literatura*. Fortaleza: Acauã, 2014.
- SILVA, B. G. S.; ARAUJO, M. A. D. de; SPOSATO, K. B. “Eu, empregada doméstica”: as reminiscências da escravização no emprego doméstico no Brasil. *Revista de Direito*, [S. l.], v. 13, n. 02, p. 01–24, 2021. DOI: 10.32361/2021130211428. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/revistadir/article/view/11428>. Acesso em: 22 mai. 2023.
- QUIJANO, Anibal. *Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.
- <https://podcasts.apple.com/tr/podcast/autores-e-ideias-60-rinaldo-de-fernandes-fala-sobre/id1577307488?i=1000588194074>